

MULTICULTURALISMO NAS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS DE MATO GROSSO¹

Rosana Rodrigues da Silva²

Os principais centros de elaboração das teses multiculturalistas não são os departamentos de ciências sociais ou filosofia, mas os de literatura e estudos étnicos (SEMPRINI, 1999, p. 96).

RESUMO

O reconhecimento do contexto multicultural põe em evidência uma nova *episteme* na crítica literária que, em contraposição ao estudo clássico de obras canônicas, busca a análise do que está fora do cânone, das literaturas fronteiriças, regionalistas ou das produções das minorias. Os autores, Ricardo Guilherme Dicke, Tereza Albues e dom Pedro Casaldáliga, ao passo que compõem o cenário da literatura contemporânea produzida em contexto regional, representam o multiculturalismo enquanto processo que tem marcado produções que transitam entre o local, o nacional e o universal. Produções essas que, vistas à luz dos estudos culturais, dão testemunho de uma experiência narrativa que se faz pela consciência do outro, em um processo dialógico entre culturas.

Palavras-chave: multiculturalismo, literatura de mato grosso, cultura, identidade.

1. O debate multicultural nos estudos literários

Atualmente, as discussões sobre multiculturalismo estão mais evidentes nas propostas que pretendem uma inovação da política educacional em contexto globalizado. A questão que se vê posta nesses meios é como tratar a diferença em contexto escolar, como propor políticas que negociem essas diferenças e como construir um currículo multicultural. Nos debates acadêmicos, em especial nos estudos culturais,

¹ Este artigo constitui parte do resultado do projeto de pesquisa, *Multiculturalismo nas poéticas contemporâneas de Mato Grosso*, realizado com o apoio do CNPq (edital universal/ 2009).

² Doutora em Literatura Brasileira; professora do Departamento de Letras, Campus de Sinop-MT, pesquisadora do CNPq. E-mail: rosana.rodrigues@unemat-net.br

as discussões sobre o multicultural revelam as tendências que estudam a diversidade étnica como antecedente da chamada interculturalidade.

Se o enfoque no multiculturalismo é justificado pela implementação de modelos educativos interculturais, na pesquisa literária, por sua vez, o mesmo enfoque justifica-se pela investigação do processo artístico e sua implicância sociocultural. Na literatura, o multiculturalismo trouxe a revelação de âmbitos de nossa cultura local em diálogo com o nacional e o universal e tem marcado uma nova *episteme* na análise literária que, em contraposição ao estudo clássico de obras canônicas, busca a análise do que está fora do cânone, das literaturas fronteiriças, regionalistas ou das produções das minorias, dos gêneros híbridos e das produções marginalizadas, enfim a análise do que é conceituado no projeto universalista como o diferente.

A dificuldade de aceitação da diferença é histórica; atravessa a história da humanidade. Todavia, este problema aguça-se nas democracias liberais, onde o respeito à diferença é constitucional. Conforme esclarece Semprini (1999), a ideia da diferença nunca deixou de conquistar seu terreno até tornar-se marcante na cultura ocidental. As diversas ciências (tais como a biologia, a ciência da linguagem, a ecologia, entre outras) exploraram o conceito do diferente no centro das epistemes, demonstrando que nenhuma evolução seria possível sem a inclusão do outro, do diferente nos debates acadêmicos.

Os estudos culturais colocam em pauta a crise da modernidade, frente à transformação dos cidadãos em indivíduos diferentes e frente à tomada de poder da diferença que inclui na discussão cultural questões referentes ao econômico, ao étnico, ao religioso e ao sexual.

O multiculturalismo surge como indicador dessa crise do projeto da modernidade. Segundo Semprini (1999), as ciências filosóficas, políticas e sociais estão sofrendo um processo de questionamento pelas reivindicações multiculturais e pela exigência de integrar o conceito de diferença que presenciamos nas contestações do direito das minorias em relação à maioria, bem como na busca identitária.

Um aspecto necessário para ser considerado no debate multicultural é a configuração que assumem os conflitos sociais e a questão do poder. Os conflitos não se resumem mais exclusivamente na luta pelo controle dos recursos naturais, dos meios de produção, das riquezas ou mesmo do poder político tradicional. Eles se localizam mais

no controle da produção e distribuição dos significados e dos símbolos sociais (SEMPRINI, 1999). Vivenciamos hoje uma época em que a informação, as riquezas virtuais e os conflitos identitários estão progressivamente ocupando espaço nas representações.

O conceito de representação, explanado por Hall (2009), orienta-se por uma perspectiva pós-estruturalista; não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente, em vez disso, é uma forma de atribuição de sentido a uma identidade que se queira representar. Desse modo, trata-se de uma estratégia para representar o outro ou a si mesmo de modo posicional, próximo da identificação. Nos dizeres de Hall, a identidade representada “tem a ver não tanto com as questões: ‘quem nós somos ou de onde nós viemos, mas muito mais com as questões quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nos próprios (2009, p. 109).

Entende-se, assim, que os escritores, também agentes culturais, ao se identificarem com a cultura local apontam para a forma como representam seu espaço e como se autorrepresentam no terreno literário nacional, formando identidades de uma literatura que está à margem do cânone. Esses escritores, em suas formas de representação, acercam-se da interpretação culturalista do multiculturalismo.

Conforme esclarece Semprini (1999), o multiculturalismo pode ser entendido pelo viés da interpretação política ou culturalista. Na primeira, a análise limita-se às reivindicações das minorias com o objetivo de conquistar direitos sociais e/ou políticos, como por exemplo, os índios que buscam autonomia política-administrativa. Já na interpretação culturalista, encontram-se as reivindicações de grupos que não tem necessariamente base étnica, política ou nacional, pois são movimentos sociais, estruturados em torno de valores comuns, de um estilo de vida homogêneo, de um sentimento de identidade ou pertença coletivo ou mesmo de experiência de marginalização. A perspectiva culturalista dá conta dos conflitos culturais resumidos em três áreas problemáticas: a educação, a identidade sexual e as relações interpessoais e as reivindicações identitárias.

Por essa perspectiva, tem se discutido o que está em jogo na identidade e como essa se constitui no campo das diferenças. Para Tomas Tadeu da Silva, “a identidade e a diferença são ativamente produzidas; não são criaturas de um mundo natural ou

transcendental; mas produções do mundo cultural e social” (2009, p. 76). Somente por esse sentido de construção, pode-se pensar na identidade regional, pois o debate em torno do multicultural anula a hipótese de uma unidade de culturas ou de uma concepção unívoca acerca do tema.

Na medida em que avançam os estudos das diferenças, do multiculturalismo, modifica-se também o que compreendemos por cultura. De acordo com a ênfase de cada disciplina, os processos culturais são lidos de modo distinto. Para a antropologia, cultura se constitui como pertença comunitária; enquanto para algumas teorias sociológicas, é algo que se adquire formando parte das elites. Desse modo, as diferenças culturais procederiam da apropriação desigual dos recursos econômicos e educativos. Já para os estudos de comunicação ter cultura é estar conectado. Diante dessas diferenças de concepção, Canclini preocupou-se em averiguar como coexistem, chocam ou se ignoram a cultura comunitária, a cultura como diferença e a chamada cultura.com. (2004, p. 13), ou seja, preocupou-se com o estudo do que sucede quando os grupos entram em relações de intercâmbios.

Alfredo Bosi (1994) esclarece a relação amorosa que pode ocorrer entre culturas destoantes e na relação autor e sociedade. Segundo o crítico, o escritor erudito movido pelo fascínio da “energia inconsciente dos povos selvagens e das populações iletradas” (1994, p. 332) poderá ultrapassar as diferenças de ideologia e superar psicologicamente obstáculos que os separavam do cotidiano e do imaginário popular. As relações interculturais comprovam a dialética apresentada por Bosi (1994) que explica a criação literária como um processo de transposição de barreiras ideológicas. A literatura alimenta-se de fontes primitivas da cultura local ou revigora-se em suas manifestações mais atualizadas.

Os escritores (parte da cultura erudita e criadora) têm acesso às mudanças de práticas e de valores, fora de sua região, e podem na função de transculturadores pautar-se na relação de troca e interatividade entre culturas diferenciadas. Enquanto produção cultural, a literatura representa as identidades que o escritor plasma no plano literário, ficcional e artístico.

Lida em sua macroestrutura, a literatura é, do mesmo modo, construção social e cultural em decorrência da posição e questionamento de seu produtor/autor na

sociedade. A questão que se faz presente é como o escritor negocia a diferença, como olha sua própria cultura para relacioná-la com a alheia.

2. As representações do multicultural na literatura produzida em Mato Grosso.

Os escritores contemporâneos têm apresentado uma identidade cultural ou identidades culturais em negociação com as diferentes culturas que mantêm contato. A investigação do processo multicultural que se instala nas relações entre culturas diferenciadas e híbridas da região podemos ver representada na produção (ou em parte dela) de autores hoje significativos da produção literária do Estado.

A literatura contemporânea produzida em Mato Grosso é basicamente proveniente da cultura universitária ou criadora individualizada. São professores universitários que conciliam a arte poética com a crítica literária. Dessa produção podemos lembrar os nomes de Lucinda Persona, Marta Helena Cocco, Aclyse de Mattos, Marli Walker, Paulo Sérgio Marques, entre outros. Juntam-se a esses agentes culturais, os autores que não atuam diretamente nos meios universitários, mas têm espaço em eventos e saraus, em acordo com uma concepção artística e performativa do literário, como Marilza Ribeiro e Luciene Carvalho.

Acerca dessa divisão polarizada do sistema cultural, Alfredo Bosi esclarece que a compreensão da cultura como uma herança de valores e objetos, compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, possibilitou à antropologia e à sociologia reconhecer a cultura erudita, centralizada no sistema educacional, principalmente nas universidades, e uma cultura popular, iletrada, do homem sertanejo ou suburbano. Em decorrência do desenvolvimento da sociedade urbana e capitalista, vieram somar-se aos pólos, erudito e popular, dois novos sistemas culturais: a cultura individualizada ou criadora, com artistas que vivem fora do meio universitário; e a cultura de massas (indústria cultural ou cultura de consumo).

Da cultura criadora, os autores contemporâneos Ricardo Guilherme Dicke, Tereza Albues e Pedro Casaldáliga, atuam como transculturadores que puderam traduzir em suas respectivas produções o processo transitivo de uma cultura a outra, cristalizando na forma escrita a relação de troca e interatividade. São autores que problematizam as reivindicações das minorias, com base em identidade sexual, conflitos

interpessoais e conflitos políticos e sociais, ou seja, nos aspectos comuns do debate multicultural.

Ricardo Guilherme Dicke³ é considerado um autor de tramas que envolvem misticismo, por meio de uma linguagem densa, religiosa e regional. Suas obras relativizam o tempo e sombreiam o espaço com o sofrimento brutal dos personagens, sempre divididos entre o Bem e o Mal. Polarizados em suas escolhas e ações, não conseguem ultrapassar esse espaço para um ponto de equilíbrio; vivem como identidades em construção, buscando encontrar uma identidade única, primeira, caminham errantes pela paisagem mato-grossense. Contudo, em sua obra, a representação do local não se dá pelo viés simplista do regionalismo. Conforme explica estudiosa da obra de Dicke, Gilvone Furtado Miguel:

O espaço regional na ficção dickeana é demarcado culturalmente, nos laços com a história de Mato Grosso; geograficamente, nas topografias específicas e, simbolicamente, nas reestruturações míticas (2009, p. 148).

Essas imagens da terra e da região se misturam à imagem arquetípica da Terra prometida e à busca do paraíso terreal. O tema da viagem, da errância, leva ao contato com outras culturas, ainda que em terras que são somente um espaço sonhado pelo personagem.

No conto *A proximidade do mar*, o personagem Beldroado Seminário sonha com o mar, um mar multicultural em que ele vê representado o mundo. Na busca do mar que ele deseja, sonha, conhece outras terras, torna-se estrangeiro em sua própria terra, ao escutar embriagado a narração do marinheiro grego. A lembrança do mar nunca visto vem da recordação posta pela obsessão e traz todas as outras lembranças possíveis, ainda que não vivenciadas. Na ânsia de ouvir notícias sobre o mar, escuta a emissão de programas em um rádio de pilhas. A estação longínqua do rádio o leva à Alexandria e depois o devolve à realidade de sua vida cotidiana, transposta na descrição da casa, do espaço rural em que vive. Assim, passa do devaneio do mar cosmopolita ao cotidiano e

³ Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), natural do município da Chapada dos Guimarães, é autor das obras: *Deus de Caim* (1968), *Caieira* (1977), *Madona dos Páramos* (1982), *O último horizonte* (1988), *A chave do abismo* (1989), *Cerimônias do esquecimento* (1995), *Conjunctio oppositorum* no Grande Sertão (1999), *Salário dos poetas* (1999), *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000).

desse retorna ao devaneio; do universal ao local, do mundo viajado pelo rádio às ruas de Cuiabá. Sua incursão faz emergir o sentimento de pertença em dialética com o sentimento do estrangeiro.

Reminiscências. Atravessou Coxipó da ponte, pegou o asfalto reto, em vinte minutos estava no posto rodoviário, os guardas sonhando com os olhos abertos e parados, a noite negra sem muitas estrelas e sem lua ainda. Nina Simone cantando em francês com seu sotaque carregado de americana *Ne me quite pás*, e o carro a oitenta quilômetros por hora e ele pensando nesses discos voadores que aparecem de repente na frente dos carros solitários⁴ (2002, p. 149).

O tema da viagem é lembrado por Tomas Tadeu da Silva como a metáfora do caráter necessariamente móvel da identidade: “A viagem proporciona a experiência do não sentir-se em casa’ que, na perspectiva da teoria cultural contemporânea, caracteriza, na verdade, toda identidade cultural” (SILVA, 2009, p. 88).

A ânsia pela viagem, pela proximidade do mar, relaciona-se com o desejo de ser mais, de conhecer mais, de estender-se a outros países, outras culturas, enfocando o anseio multicultural do personagem. O mar divide e aproxima, ambíguo por natureza, torna-se a ponte entre terras distantes, continentes que o personagem idealiza e do qual se aproxima.

(...) o mar imenso, sem fim, beijando a prolongação de outros continentes, assistindo o viver dos asiáticos, dos europeus, dos africanos, dos americanos e dos oceânicos, um céu de azul profundo como todas as Prússias e todos os cobaltos (2002, p. 137).

O mar move o personagem, fazendo-o recordar e viver, no desejo de transcender seu espaço monocultural. Do mesmo modo, movimenta a tessitura do conto. Ao final vem a descoberta, o chamado: Beldroaldo gostaria de ser poeta. O sonho do mar está nivelado ao sonho de ser poeta, o sonho da literatura. O mar que tudo concentra; tudo inclui; é a literatura que tudo incorpora, transcendendo regiões, países e culturas.

⁴ *A proximidade do mar*. In: *Na margem esquerda do rio: contos do fim do século*.

Essa concepção do literário opõe-se à visão da literatura como representação do real para condicioná-la à excursão pelo sonho. A literatura de Dicke trabalha em cima dessa acepção. Seus personagens vivenciam o limite do discernimento do real aprendido. Em *O velho moço e outros contos*, (2011), Russel e Blanziflor são dois irmãos cujo fluxo de consciência os aproxima e os iguala na narrativa, dando ao leitor a possibilidade de pensá-los como um único. Nesse conto, a apresentação de um espaço multicultural é feita pelo devaneio primeiro de Blanziflor, personagem com características de vidente que fala com os mortos e se nega a tomar parte na sociedade capitalista. Russel apresenta sinais de divindade, como o irmão, surge sempre montado em um cavalo, símbolo mortuário, que se presentifica e se ausenta, na paisagem mato-grossense. Ambos personagens, Russel e Blanziflor, apresentam sinais de loucura, vivenciando os limites do devaneio, porém isso não impede a presença do regional, interiorizado pelo místico.

O cerrado dos dois lados da estrada. Rio Cururu, rio beira da noite. Campo de partículas, os cerrados em torno da estrada costumam o sonho e a morte. Por beleza ou por devoção. Emblema do sertão, os cerrados tremem ao perpassar da noite (2002, p. 26).

Das referências a um espaço universal, com as recordações de músicas e pinturas clássicas do Ocidente, os personagens, poetas e sonhadores, passam à lembrança de sua terra, da vida na região de Mato Grosso, na fazenda Mutum. Sobre essa transposição, o estudo de Everton Almeida Barbosa esclarece que, embora a tradição crítica esteja condicionada a reconhecer a identidade local na leitura da obra de Dicke, não há em sua produção o compromisso com o regionalismo. Nas palavras do crítico, o nome de Dicke “está posto no jogo entre o local e o nacional, entre o esquecimento e o cânone, entre a vocação para o ícone regional e o voo no céu dos grandes mistérios inapreensíveis” (ALMEIDA, 2009, p. 164).

Contemporânea à obra de Dicke, a produção literária de Tereza Albuês⁵ (1936-2005) apresenta posicionamento reivindicatório, de forma mística e comprometida com o social. A escritora mato-grossense que residiu até seu falecimento nos Estados

⁵ *Nasceu em Várzea Grande- MT e faleceu nos Estados Unidos. Escreveu as obras: Pedra Canga (1980), Chapada da palma roxa (1991), Travessia dos sempre vivos (1993), O berro do cordeiro em Nova York (1995).*

Unidos, vivenciou a cultura norte-americana, o que trouxe peculiaridades à sua obra. Segundo a crítica, a autora faz largo uso do monólogo interior, a fim de explorar a temática do “choque cultural (principalmente o par urbano/ rural) para enfatizar a exploração do oprimido, subjugado à vontade de seu dominador” (PRECIOSO, SANTOS, SILVA; 2011, p. 25).

Se tomarmos o conto *Buquê de línguas*, encontramos a multiculturalidade representada nas diversas etnias que se manifestam, durante uma explosão no metrô, em Nova York. Sob a perspectiva da personagem-narradora temos não somente o olhar para o registro da diferença, mas o olhar para si mesma em comparação com o outro.

A constatação de que sua aparência física e seu modo de vestir-se (pele morena, cabelos pretos e lisos, olhos enormes e redondos, boca sensual, brincos pingentes, saia comprida de algodão vermelho) singularizam-na, identificando-a com um grupo, traz para o conto a problemática das relações inter-pessoais, segundo perspectiva étnica. O senhor que a olha com desdém (velho de barbicha azulada, óculos de aros dourados, terno cinza) posta-se como o Ocidente julgando as ações do Oriente, na pele da protagonista com traços muçulmanos.

No conceito de espaço público, a cultura branca europeia, puritana, é considerada referência definitiva. Para ascender ao espaço da verticalidade é necessário endossar esse tipo de cultura. Nesse modelo, o centro ocupa a totalidade do espaço; não há margem de negociação para os membros das minorias (SEMPRINI, 1999).

O contexto globalizante une aparentemente essas etnias, ao colocá-las aproximadas, mas a situação de conflito as diferencia ao propiciar em suas falas as identidades nacionais que os marcam (iraniano, italiano, romeno, chineses, russo, americano). Todos os personagens expõem a relação da sua cultura com a alheia. O buquê se torna multicultural e evoca discussão social e política em torno da reivindicação das minorias.

Ao transpor para fala da protagonista a visão da diferença, a autora a singulariza pela identificação com o feminino, com o mato-grossense, com o sul-americano, com o afro-descendente. A mulher que pode exprimir-se, mostra-se como o outro, o masculino e o ocidental a veem. Em outras obras, como na primeira e mais destacada, *O berro do cordeiro em Nova York* (1995), a protagonista é a mesma moça do pantanal que, residindo no Estados Unidos, irá traçar o fio da memória que antecede sua partida para

outro país e o convívio com outra cultura. A narração mostrará o trânsito da moça do pantanal à mulher transformada na América, do cordeiro à nova York, do regional ao universal. O cordeiro que deveria ser engolido, calado, pela cultura da grande potência, consegue berrar, romper as paredes da cultura do dominador para ecoar seu grito de resistência.

A religiosidade cristã, a educação tradicional, a dominação sexual foram partes da manipulação sofrida pela protagonista, que sente tolhida sua liberdade sexual e social, em uma hipócrita sociedade mato-grossense que a quer subalterna à sua ditadura, tendo que obedecer a preceitos de convivência interiorana. Por fim, a dominação cultural do padrão italiano ou da cultura nova yorkina, colocam-na sempre em situação submissa, inferior. Seu berro simboliza a emancipação em um espaço multicultural, a luta pela aceitação da diferença, pelo reconhecimento de sua identidade cultural (definida pelo seu sexo, pela sua cor, pelo seu espaço geográfico) que a autora não deseja calar. Com o mergulho onisciente, a personagem evolui para o fortalecimento desses caracteres em sua personalidade.

O relato da experiência da personagem marca o relato autobiográfico da autora que, ao se ficcionalizar, como uma identidade no texto, demarca seu espaço e constitui-se enquanto identidade feminina e mato-grossense, da persona que nasceu e se criou no Estado, tornando-se parte atuante do cenário cultural e da identidade feminina, que se mostra no confronto com o universo masculino, seja na obediência ao pai, ao irmão, à submissão ao padrão ou no conflito amoroso com o namorado.

O movimento feminista acusa a cultura dominante de ter criado uma sociedade dominada pelos valores masculinos, mas também de ter mascarado seu caráter sexuado para fabricar valores gerais e neutros. A contribuição das mulheres na história do Ocidente, e com maior relevo na do Oriente, foi reduzida à função secundária, e, por vezes, reprimida, o que encontramos exemplificado na literatura canônica, com voz autoral predominantemente masculina.

Os problemas identitários de reconhecimento da minoria indígena é tema constante da produção literária do autor, ex bispo, espanhol naturalizado no Brasil, dom Pedro Casaldáliga (1928). Autor de uma produção que inclui memórias, poemas, orações, missas, produção comprometida com as causas dos povos indígenas e oprimidos de sua região, Casaldáliga transita por culturas distintas. De sua cultura

originária, do europeu colonizador cristão, passa a tomar parte de uma nova realidade cultural, a do índio colono pagão. Comprometido com as causas da chamada Teologia da libertação, escreveu diários, em que dá o testemunho de denúncias políticas, estudos teológicos e os livros de poesia: *Clamor elemental* (1971), *Antologia retirante* (1978); *Cantigas menores* (1979); *A cuia de Gedeão* (1982); *Missa da Terra sem males* e *Missa dos Quilombos* (em co-autoria com Milton Nascimento, Pedro Tierra e Martin Coplas); *Cantares de la entera libertad* e *Águas do tempo* (1989) e, recentemente, *Murais da libertação* (2005), em co-autoria com o artista plástico Cerezo Barredo e *Versos Adversos* (2006), prefaciado por Alfredo Bosi.

Sua atuação enquanto missioneiro é marcada pela interculturalidade religiosa. Com as missões em Mato Grosso, desde 1968, o bispo ativista passa por um processo de perda parcial, ou desarraigamento da cultura eurocêntrica, o que fica evidenciado em sua produção, sobretudo poética. Da aldeia de Balsareni, do estado da Catalunha na Espanha, o missioneiro partiu para viver na pequena cidade mato-grossense, São Félix do Araguaia. Os hábitos e tradições culturais de uma família espanhola e da tradição do catolicismo ortodoxo, são condicionados no espaço e tempo de uma população marginalizada. A conseguinte criação e aceitação de novos fenômenos culturais, a neoculturação, advém da tomada de posição do intelectual e ativista que passa a ter um convívio com a cultura popular e indígena de sua região e com eles passa a vivenciar uma nova cultura. Reintegra-se à comunidade linguística de língua portuguesa; absorve elementos da cultura de sua nova pátria, com isso Casáldaliga consegue transpor esses elementos para sua obra, caracterizando-a enquanto literatura indigenista e social.

A obra *Ameríndia, morte e vida* (2000), em parceria com Pedro Tierra, foi pensada, como mostra a epígrafe “em memória dos milhões de indígenas mortos ao longo destes últimos 500 anos de Brasil”. A primeira parte, *A terra sem males* faz referência à obra poética *A missa da terra sem males* (1980), musicada por Martin Coplás. A voz do poeta é a voz do indígena que proclama: “Eu sou América, / sou povo da Terra, / da Terra-sem-males, / o Povo dos Andes, / o Povo das Selvas, / o povo dos Pampas, / o Povo do Mar... / eu tinha uma cultura de milênios, / antiga como o sol/ como os montes e rios / de grande Llakta-mama⁶” (1980, p. 51).

⁶ Palavra quíchua que significa mãe nutrícia.

Na segunda parte, a terra dos males sem fim, o poeta assume a voz do branco colonizador: “Caravelas do lucro, viemos navegando, / para vender a Terra / pra explorar lucrando / E nós te destruimos / cheios de prepotência, / negando a identidade / dos povos diferentes, / todos Família Humana”.

Ao assumir a voz do outro marginalizado, em contraponto com a voz do dominador, Casaldáliga reconhece a minoria explorada e busca por meio da palavra pôr em prática sua defesa das causas sociais. A linguagem é identificada não apenas como lugar onde as relações de dominação e exclusão se cristalizam, mas também onde essas relações são negociadas, produzidas e reproduzidas:

A relação entre linguagem e ação social é, portanto, menos anódina e inocente do que pretendem os defensores da visão referencial. Longe de se limitar a registrar as realidades, a linguagem contribui para sua produção, modelando a percepção que uma sociedade tem de si mesma e dos grupos que a compõem (SEMPRINI, 1999, p. 67).

Ao chamar a América de *Ameríndia*, Casaldáliga destaca o valor semântico da formação nativa das Américas, assim como destaca em outros termos indígenas presentes em sua obra. No multiculturalismo, os autores além da preocupação com a depuração da língua de suas conotações sexistas e racistas, que possam ilustrar algum tipo de discriminação, há também a preocupação com a busca de termos e expressões que estabeleçam relações identitárias de modo valorativo. Essa forma de compreensão da linguagem marca a renovação epistemológica que se desenvolveu em direções diversas, mas contribuindo para uma teoria pós-moderna.

O debate acerca do multiculturalismo envolve discussão sobre a instabilidade, a mistura, a relatividade, a pós-modernidade, a globalização como fundamentos de seu pensamento. O multiculturalismo coloca um desafio global e questiona numerosas categorias filosóficas do pensamento ocidental. Ao contrário da tradição filosófica do Ocidente que afirma que o indivíduo atinge seu pleno desenvolvimento quando se liberta de toda afiliação religiosa, étnica, para exercer seu livre arbítrio; a teoria cultural, conforme mostra Semprini (1999), posiciona o sujeito enquanto depende do processo de interação com os membros de seu grupo de pertença e dos outros grupos sociais. Podemos afirmar que os autores contemporâneos em Mato Grosso atingem essa

dimensão ao propiciar uma experiência narrativa que se faz pela consciência do outro, em um processo dialógico entre culturas que marca as produções literárias no Estado rumo a um espaço que se quer “pós”, sobretudo, pós-colonialista.

Conclusão

Na pesquisa literária, o enfoque no multiculturalismo pretende a investigação da influência sociocultural no processo artístico. Essa postura delineia nova *episteme* na análise literária que passou a buscar como objeto de estudo as literaturas fronteiriças, regionalistas e marginalizadas, tal como as produções das minorias.

As mudanças operadas na sociedade multicultural fazem emergir o conceito da diferença que problematiza a busca identitária. Ainda que nunca tenha desaparecido na história da humanidade ocidental, a ideia da diferença hoje modificou o enfoque das ciências filosóficas, políticas e sociais. O olhar para o diferente, para o que está fora do centro, corresponde às reivindicações multiculturais que passaram a ter espaço privilegiado, sobretudo, nos meios de comunicação. Essa posição evidencia a nova configuração dos conflitos que não se resumem tão somente na luta pelo poder, mas na luta pela expressão dessa diferença, ou seja, pela garantia de espaço nas representações.

A representação não deve ser entendida como um meio de expressão de algum referente, mas como uma forma de atribuição de sentido a uma identidade. Dizer que uma identidade está sendo representada por um grupo equivale a dizer que um grupo cria uma estratégia para mostrar à sociedade como gostaria de ser visto e entendido culturalmente.

Na posição de agentes culturais, os escritores se identificam com a cultura local representando seu espaço e se auto representando no terreno literário nacional. Os conflitos culturais, enfocados na educação, na identidade sexual, nas relações interpessoais, são representados literariamente, na medida em que escritores buscam afirmar identidades.

A construção de uma identidade da região na literatura não deve ser lida como mera expressão regionalista, mas como uma construção da diferença, em oposição ao par local/universal. Nesse processo, o escritor transpõe barreiras ideológicas, podendo alimentar-se de fontes primitivas da cultura local.

Na literatura contemporânea produzida em Mato Grosso, temos a cultura criadora individualizada, na figura dos escritores Ricardo Guilherme Dicke, Tereza Albues e Pedro Casaldáliga, enquanto agentes que cristalizam na forma da escrita literária a relação de troca e interatividade entre culturas diferenciadas. Suas produções discutem aspectos comuns do debate multicultural, tais como a identidade sexual, os conflitos interpessoais e conflitos políticos e sociais.

Ricardo Guilherme Dicke revela-nos personagens atormentadas que vivem como identidades em construção, buscando encontrar uma identidade única e primeira. Nessa busca, o escritor demarca um cenário reestruturado de forma mítica, orientado por sua relação com a história do Estado.

No mesmo caminho da mística, mas com maior ênfase no social, Teresa Albués explora a temática do choque cultural, pondo em relevo a exploração do oprimido, principalmente, da condição marginalizada da mulher na sociedade patriarcal. Sua protagonista vivencia o domínio da religiosidade cristã e o tolhimento de sua sexualidade em uma educação tradicional. O espaço em que vivencia esses conflitos se apresenta enquanto espaço multicultural, sujeitando a personagem à convivência com culturas diferenciadas que contribuem para afirmar sua identidade feminina e mato-grossense.

Essa convivência intercultural se faz presente na obra do autor espanhol dom Pedro Casaldáliga. Em suas memórias e em seus poemas, a cultura dos povos indígenas e oprimidos de Mato Grosso, ganha dimensão transcultural, situando o texto literário entre a denúncia e a arte poética. O missioneiro realiza a travessia da Europa a América do Sul e nessa nova condição vivencia o espaço e o tempo de fenômenos culturais, desde a chamada neoculturação à interculturalidade religiosa, plasmando elementos da cultura de sua nova pátria para o plano de uma literatura indigenista e social.

Os autores selecionados nesta pesquisa são partes constitutivas de um espaço multicultural que tematizam e vivenciam na criação de seus personagens. Os temas da instabilidade, da diferença, da globalização e da pós-modernidade, que desafiam as diversas ciências do pensamento ocidental, tomam corpo nas representações literárias desses escritores, situando suas literaturas em um espaço de interação com as literaturas canônicas. Em todos eles, a experiência literária resulta da consciência do outro, da

identidade do oponente ou do integrante da cultura com a qual se identificam, formando no texto literário um espaço da representação do multicultural.

Referências

ALBUES, Tereza. *Buquê de línguas*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011.

_____. *O berro do cordeiro em Nova York*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

BARBOSA, Everton Almeida. Dicke: o autor do esquecimento e o esquecimento do autor. In: MACHADO, Madalena & MAQUEA, Vereia. *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes*. Cáceres: editora UNEMAT, 2009.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, Nestor. *Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la interculturalidad*. Barcelona: Gedisa, 2008.

CASALDÁLIGA, Pedro; TIERRA, P; COPLÁS. *Missa da terra sem males*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1980.

CASALDÁLIGA, P.; TIERRA, P. NASCIMENTO, M. *Missa dos quilombos*. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/Casaldaliga/poesia/quilombos.htm>. Acesso: 05 de outubro de 2011.

DICKE, Ricardo Guilherme. A proximidade do mar. In: LEITE, M. C. *Na margem esquerda do rio: contos do fim do século*. São Paulo: Via Lettera, 2002.

_____. *O velho moço e outros contos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: Ed. UNICEN, 2001. (Coleção Tibanaré).

MIGUEL, Gilvone Furtado. Mito e ficção: a imagem do paraíso nos romances de Ricardo Guilherme Dicke. In: MACHADO, Madalena & MAQUEA, Vereia. *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes*. Cáceres: editora UNEMAT, 2009.

PRECIOSO, Adriana L.; SANTOS, Luzia Ap. O.; SILVA, Rosana R. *Identidade feminina no espaço multicultural: a voz narrativa de Teresa Albues*. Revista Cerrados, Brasília: UnB, n. 32, ano 20, 2011, p. 25 a 40.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MULTICULTURALISMO EN LAS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS DE MATO GROSSO

RESUMEN

El reconocimiento del contexto multicultural pone de relieve una nueva episteme en la crítica literaria que, en contraste con el estudio clásico de las obras canónicas, busca el análisis de lo que está fuera del canon, de la literatura producida en las fronteras, regionalistas o de las minorías. Los autores, Ricardo Guilherme Dicke, dom Pedro Casaldáliga y Teresa Albués, mientras que componen el paisaje de la literatura contemporánea producida en el contexto regional, representan el multiculturalismo como un proceso que ha marcado las producciones que transitan del local, del nacional y al universal. Producciones que, visto a la luz de los estudios culturales, dan testimonio de una experiencia narrativa que se realiza por la conciencia de la alteridad, en un proceso de diálogo entre las culturas.

Palabras-clave: multiculturalismo, literatura de mato grosso, cultura, identidad.

Recebido em 20/02/2013.

Aprovado em 29/03/2013.